

INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020 Dezembro N° 364

A LOGÍSTICA MILITAR E O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA EXCELÊNCIA GERENCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

EXTRATO DA DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS

MÁRCIO ALEXANDRE DE LIMA BRAZ

Rio de Janeiro - 2004

A ORIGEM DA LOGÍSTICA

m grande parte das obras pesquisadas, seus autores afirmam que o termo em discussão provém do antigo substantivo latino *logisticus*, utilizado para designar os técnicos das finanças, controladores, contabilistas, intendentes do Exército romano ou bizantino encarregados de efetuar o pagamento às tropas.

Outros autores afirmam que, na Grécia, ao tempo da dominação romana, o termo designava o membro de uma comissão de dez cidadãos, escolhidos à sorte, anualmente, que se encarregavam de verificar as contas dos magistrados. Há, ainda, autores que afirmavam que logística deriva da palavra grega *logistikos*, que teve acepção, na era clássica, de "método de

vida" ou modo de viver (DEL RE, 1955; CAMINHA, 1982; CAMPOS, 1952).

Segundo Del Re (1955), a primeira utilização do vocábulo "logística", dentro da Ciência da Guerra, foi realizada, em 1836, pelo general suíço Antoine-Henri Jomini no seu livro *Precis de L'Art de La Guerre*, quando sintetizou os três ramos da arte da guerra como sendo a estratégia, a tática e a logística, cabendo ao último a

responsabilidade pelo fornecimento dos meios, a serem planejados e empregados pelos dois primeiros.

A logística apresenta-se, então, como sendo a arte prática de mover exércitos, de dispor pormenores materiais das marchas e formações, de montar acampamentos ou acantonamentos longe do inimigo.

Tudo indica que Jomini inspirou-se no título de *major général des logis* – atribuído ao oficial francês encarregado de prover alojamento, suprimento, dirigir as marchas e colocar as colunas das tropas francesas no terreno - para criar uma primeira definição de logística militar como sendo tudo ou quase tudo, no campo das atividades militares, exceto o combate (DEL RE, 1955).

Entretanto, segundo Taguchi (1999), a Logística só passou a ser entendida como ciência, após as teorias desenvolvidas pelo Tenente-Coronel Cyrus G. Thorpe, do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA que, no ano de 1917, publicou o livro Logística Pura: a ciência da preparação para a guerra. No decorrer do texto da obra, a logística é elevada ao mesmo nível de importância da

estratégia e da tática, por proporcionar os meios necessários aos dois ramos responsáveis pela condução das operações militares.

No início do século XIX, Carl von Clausewitz, general prussiano, escreveu um verdadeiro tratado sobre princípios de guerra, sugerindo como administrar os exércitos em períodos de guerra. É considerado grande inspirador de muitos teóricos da Administração que posteriormente se basearam na organização e estratégia militares para adaptá-las à organização e estratégia empresariais.

Ao terminar as partes referentes à estratégia e a tática de sua obra, afirma:

até agora tratei dos exércitos empregados como força militar. Mas existem na guerra muitas outras funções que se relacionam com o combate, embora sejam completamente diferentes dele. Às vezes, intimamente a ele ligadas, outras vezes, menos próximas. Todas essas atividades, porém, se relacionam com a manutenção da tropa (1832, *apud* LANNING, 1999, p.59).

Entre as atividades citadas por Clausewitz estão as subsistências, a administração, o tratamento das doenças, o reparo das armas e do equipamento e a construção das fortificações, mas, em nenhum momento, empregou o termo "logística".

Del Re (1955) afirma que, após o seu pioneiro emprego em 1836 com o sentido militar atual, o termo "logística" caiu no esquecimento. Napoleão Bonaparte, assim como os grandes generais que o precederam, nunca usou esse termo, não querendo isto dizer que Bonaparte nunca empregou a logística.

Afirma ainda este autor que Napoleão "empregou-a e o fez genialmente" (p. 51), apenas não designou o conjunto das atividades dos serviços, com essa expressão genérica.

Para as forças militares, a logística adquiriu, pela sua destacada atuação na solução de complexos problemas de apoio, posição de destaque nas operações, passando a ser considerada como um dos "fundamentos da arte da guerra".

A importância da logística e as lições que ela ensina são milenares e contundentes. Segundo Campos (1952), perto da totalidade dos grandes chefes militares que não seguiram seus princípios foram conduzidos ao fracasso, estando a história, inclusive a brasileira, repleta de exemplos. Um país precisa de um Exército preparado e adestrado para cumprir sua missão constitucional. Nessa

missão, o profissional militar deverá estar qualificado para assegurar o correto emprego dos seus meios logísticos num ambiente sistêmico e extremamente complexo.

Como se pode observar, bem antes dos negócios mostrarem interesse em administrar as atividades logísticas de maneira coordenada, os militares estavam organizados para executá-las. Embora os problemas militares, com exigências rigorosas de "serviço ao cliente", não se identificassem com os dos negócios, a similaridade foi grande o suficiente para fornecer uma base de experiência valiosa durante os anos de desenvolvimento da logística empresarial (BALLOU, 2001).

De acordo com Christopher (1997), Logística é o processo com o qual se dirige de maneira estratégica a transferência e a armazenagem de materiais, componentes e produtos acabados, começando dos fornecedores, passando através das empresas, até chegar aos consumidores.

Para a Society of Logisitics Engineers (apud Kobayashi, 2000) a Logística é uma técnica e, ao mesmo tempo, uma ciência que suporta a realização dos objetivos organizacionais, a promulgação dos mesmos e a consecução. Serve para o management, o engineering e as atividades técnicas nos termos solicitados, o projeto, o fornecimento e a preservação dos recursos.

Já Figueiredo (1998) afirma que Logística é um termo empregado pela indústria e pelo comércio para descrever o vasto espectro de atividades necessárias para obter um transporte eficiente dos produtos finais desde a saída da fabricação até ao consumidor. Essas atividades incluem o transporte das mercadorias, a armazenagem, o controle dos estoques, a escolha dos locais das fábricas e dos estoques intermediários, o tratamento das ordens de compra, as previsões de mercado e o serviço oferecido aos clientes.

Outra definição foi a promulgada pelo Conselho de Administração Logística (*Council of Logistics Management*), uma organização profissional de gestores de logística, professores e práticos, formada em 1962 com a finalidade de oferecer educação continuada e fomentar o intercâmbio de idéias (BALLOU, 2001, P.21):

Logística é o processo de planejamento, implementação e controle do fluxo eficiente e economicamente eficaz de matérias-primas, estoque em processo, produtos acabados e informações relativas desde o ponto de origem até o ponto de consumo, com o propósito de atender às exigências dos clientes.

As diversas definições apresentadas anteriormente, em conjunto, capturam bem a essência da gestão da logística. No entanto, a logística preocupa-se não só com a movimentação física de mercadorias. Na realidade, muitas organizações que produzem serviços em vez de produtos físicos têm substanciais problemas logísticos. A missão principal da logística pode ser descrita como afirma Ballou (2001, p. 21):

"a missão da logística é dispor a mercadoria ou o serviço certo, no lugar certo, no tempo certo e nas condições desejadas, ao mesmo tempo em que fornece a maior contribuição à empresa"

Pelo que a logística atualmente representa para as organizações pode-se afirmar que esta não é, como se pode pensar, somente a distribuição física de produtos e realização de serviços a diversos clientes. Ela envolve um campo mais vasto, cujo objetivo soberano é garantir o sucesso organizacional pelo aumento sucessivo do grau de satisfação dos seus usuários.

Fontes:

BALLOU, Ronald H. Gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento, organização e logística empresarial. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____. Logística empresarial: transportes, administração de materiais e distribuição física. São Paulo: Atlas, 1993.

CAMINHA, João Carlos Gonçalves. Delineamentos da estratégia. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1982.

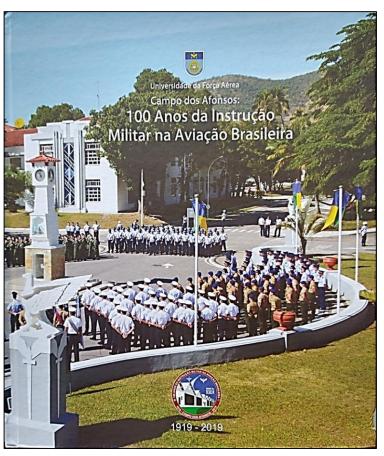
CAMPOS, Aguinaldo José Senna. Logística na paz e na guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1952.

Logística para a invasão. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1965.

CLAUSEWITZ, Carl Von. Clausewitz: trechos de sua obra. Seleção e introdução de Roger Ashley Leonard. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1988.

DEL RE. Januário João. A Intendência militar através dos tempos. Rio de Janeiro: Americana, 1955.

TAGUCHI, Américo Kunio. A integração da logística entre as forças singulares: uma concepção. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1999.



Obra recebida.

Recebemos da Universidade da Força Aérea o livro cuja capa está ao lado.

Agradecemos muito a remessa e colocamos o livro à disposição dos nossos integrantes, amigos e correspondentes.

O editor.

RETIFICAÇÃO

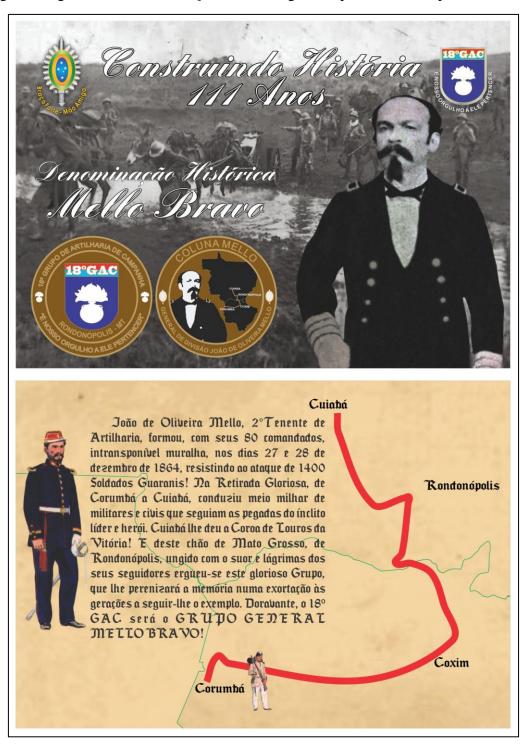
...........

No O Tuiuti anterior falhamos em registrar a denominação histórica do 18º GAC, Rondonópolis, MT, como sendo Grupo Marechal Argolo.

O autor do livro nos confirma, após o alerta de um confrade do Grupo Historiadores Militares, que a denominação histórica é outra, que foi concedida no ano passado. Aí vai ela, e fica o registro:

GRUPO GENERAL MELLO BRAVO

A seguir, imagens e outras informações sobre a figura do patrono do Grupo.



A ADOÇÃO DA TONALIDADE VERDE-OLIVA-CASTANHO NO FARDA-MENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

fardamento do Exército foi cáqui até a década de 1930. Aliás, o cáqui não é a tonalidade e sim o tipo de brim daquela cor.

Quem foi que "sugeriu" a adoção, 20 anos antes, da tonalidade Verde-Oliva (VO)? Pois é, foi um oficial...alemão.

Quem foi? O então Coronel Hans von Arnim (o pai), em conversa com o então Tenente Estevão Leitão de Carvalho, quando este era estagiário em uma unidade do Exército Alemão antes da I Guerra Mundial.

Na II GM, Von Armin (o filho, 1889-1962) foi um dos mais destacados generais alemães. Ele foi o último Cmt do Afrika Corps (por óbvio, depois do Rommel).

Acredito que todos nós usamos a farda VO no EB. E temos muitas lembranças dela. Pois ela foi sugestão de um alemão.

O Gen Estevão conta que em conversa com o então Cel Von Armin, este manifestou a ideia de que no Brasil, como "os campos deviam ser da tonalidade verde o nosso uniforme de campanha, com aquela cor clara (cáqui), seria muito prejudicial". Verdade.

Em 1922, em Saicã, em manobras realizadas com a presença dos oficiais franceses da Missão, o uniforme cáqui se realçava muito, permitindo identificar a tropa a grande distância.

Em 1931, o Capitão Carvalho (Estevão Leitão) fez parte de uma Comissão encarregada de rever o plano de uniformes do EB. Lembrou-se então do que lhe dissera o oficial alemão. E a tonalidade VO foi adotada, além de novos modelos de confecção.

Foi desse mesmo plano que saiu o uniforme da Escola Militar propugnado pelo então Cel José Pessoa.

Como diz o Cel Claudio Moreira Bento: História é verdade e Justiça.

Abraços a todos.

Caminha.

Fonte: CARVALHO, Estevão Leitão de. Memórias de um soldado legalista. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2016, vol. 2, p. 180.

PERFIL: HEINZ GUDERIAN

...........

Ricardo Caetano de Moraes¹

einz Wilhelm Guderian foi um general alemão, nascido em 1888, em Kulm (Prússia) e falecido em 1954, em Schwangau (Baviera). Ele frequentou escolas de elite para cadetes em Karlsruhe e em Berlim, onde aprendeu inglês e francês (fundamentais para sua carreira posterior) e foi estimulado a ter pensamento crítico. Guderian foi designado para a infantaria, onde serviu até o início da Primeira Guerra Mundial. Tendo participado fracassada ofensiva do Marne, viu em primeira mão as dificuldades de coordenação dos movimentos de grandes massas de homens e animais. Durante a guerra, fez um longo treinamento de comunicações posteriormente nomeado oficial do Estado-Maior até o fim do conflito. Dotado de temperamento forte e com amplo conhecimento técnico, Guderian era impaciente com a incompetência alheia e teve vários atritos com oficiais superiores devido às suas críticas, geralmente fundamentadas.

Após a guerra, ele fez parte do corpo de oficiais do reduzido Exército alemão. Tornou-se um entusiasta do uso de blindados, que acreditava poder substituir com vantagens a combinação de barragem de artilharia e ofensiva da infantaria, que não conseguira romper o impasse da guerra de trincheiras. Estudou todos os materiais estrangeiros que pôde conseguir, desenvolvendo táticas para uso de divisões blindadas autônomas e coordenadas por rádio em ofensivas decisivas contra o inimigo – a base da futura Blitzkrieg. Seu entusiasmo e energia criaram muitos inimigos, especialmente entre os oficiais superiores vindos da Artilharia, mas impressionaram Hitler, que lhe deu o apoio necessário para construir e treinar três divisões blindadas quando a Alemanha voltou a se rearmar, em 1934.

No princípio da Segunda Guerra Mundial, Guderian comandou uma das divisões blindadas que invadiram a Polônia, com sucesso espetacular. Na campanha contra a França, em 1940, ele foi o principal defensor e executor do plano proposto por Manstein de realizar um ataque de surpresa com blindados através das Ardenas, um terreno considerado impenetrável pelos Aliados. O ataque foi executado de forma brilhante e foi o principal fator da derrota dos Aliados e da rendição da França.

No ano seguinte, Guderian comandou uma formação blindada na invasão da Rússia com grande eficácia, mas as hesitações estratégicas de Hitler, acrescidas da falta de preparo logístico para uma campanha de inverno, impediram que ele tomasse Moscou. No final de 1941, ele foi exonerado do seu comando ao fazer uma retirada tática, contrariando ordens de Hitler. Após um período de afastamento por doença, Guderian foi nomeado em 1943 para postos de supervisão e comando das forças blindadas, que manteve até o final da guerra.

Como líder militar, Guderian defendia que o comando tinha que ser feito na linha de frente, de modo a ser visto pelos seus homens. Ele também acreditava na honra e no profissionalismo como base da confiança com seus liderados. Guderian incentivava a iniciativa e a criatividade, bem como o pensamento crítico. Jamais teve receio de contestar seus superiores quando achava que estava correto. Sua postura profissional ganhou o respeito de Hitler, que não o molestou durante o período após o atentado de Rastenburg, quando qualquer suspeita de envolvimento conspiração era sinônimo de prisão, tortura e morte. Sua conduta honrada também o isentou das piores acusações de crimes de guerra.

Guderian foi um dos raros militares alemães a sair razoavelmente íntegro dos horrores da Segunda Guerra.

REFERÊNCIAS

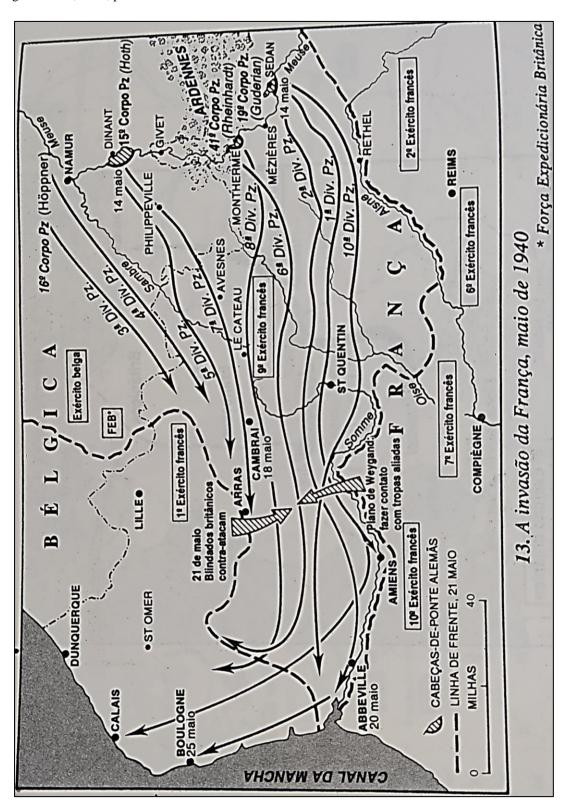
¹ Engenheiro, analista de sistemas e professor. Especialista em História Militar pela Unisul. Contato: rcdmoraes@gmail.com.

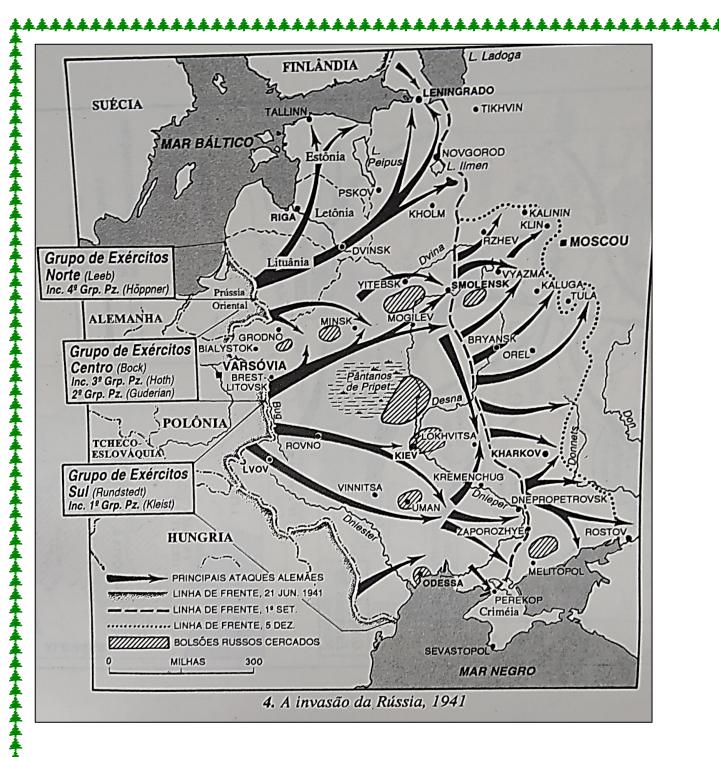
KEEGAN, John; WHEATCROFT, Andrew. Guderian, Heinz. *In*: **Who's who in Military History: from 1453 to the present day**. London: Routledge, 1996, p. 122–123.

MACKSEY, Kenneth. Guderian. *In*: BARNETT, Correlli (Org.). **Os generais de Hitler**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 458–479.

MENGEL, John W. **An Analysis of the Operational Leadership of General Heinz Guderian**. Newport, RI: Naval War College, 1998. Disponível em: http://www.dtic.mil/docs/citations/ADA348618>. Acesso em: 16 abr. 2019.

TAYLOR, James; SHAW, Warren. Guderian, General Heinz. *In*: **The Penguin dictionary of the Third Reich**. Rev. ed. London: Penguin Books, 1997, p. 118–119.





EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, CEL PRESIDENTE DA AHIMTB/RS (LECAMINHA@GMAIL.COM)

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR SITE DO NÚCLEO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM BLOG DA DELEGACIA DA FAHIMTB/RS EM RECIFE, PE – DELEGACIA HERÓIS DE GUARARAPES:

HTTP://HISTORIA-PATRIOTA.BLOGSPOT.COM/